

BANCOS A DESCOBERTO

Liana Verdini
Da equipe do **Correio**

Carlos Moura 24.9.98

A mudança abrupta do valor do real, 21% abaixo do que valia na terça-feira à noite, está tirando o sono de muito banqueiro que acreditou no discurso do governo de manutenção da antiga política cambial, caracterizada por pequenas desvalorizações diárias. Muitas instituições fizeram apostas consideráveis no mercado futuro e agora estão com sérias dificuldades para honrar seus compromissos.

O problema é tão grave que desde ontem o Banco Central e a Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) estão em contato permanente para encontrarem uma solução capaz de evitar mais abalos na imagem do Brasil. Pelos cálculos de profissionais do mercado financeiro, o volume de dinheiro depositado na bolsa de futuros em garantia das operações não é suficiente para quitar os negócios feitos com câmbio.

A BM&F exigiu mais garantias de quem perdeu dinheiro em suas apostas, como de costume. Algumas instituições, para não ficarem inadimplentes na bolsa, recorreram ao Banco Central para empréstimos de emergência. Outras ainda estão negociando com a entidade uma forma de pagar o que devem. A BM&F pode retirar os inadimplentes do mercado, encerrando a posição dos bancos, isto é, fazendo a operação contrária da que foi feita no pregão. Por exemplo, se eles venderam, a bolsa compra a mesma quantidade de contratos em nome da instituição.

“Sabe-se que existem bancos com problemas seríssimos nesse momento”, disse um diretor de banco. A expectativa toda está no que acontecerá com essas instituições na segunda-feira, quando o mercado reabrir. “O Banco Central poderá dar mais algum tempo para esses bancos acertarem suas contas ou optar pela falência. Seria um trauma, mas o governo evitaria gastar dinheiro socorrendo banqueiro.”

DÍVIDA

Além do problema no mercado futuro, os bancos, e também muitas empresas, se endividaram em dólar, incentivados pelo próprio governo. “Mas esse problema não pode ser comparado com o que enfrentáramos se o câmbio não flutuasse livremente agora. A saída de dólares estava muito intensa”, ponderou o economista Sérgio Werlang. “De fato, o problema existe. Mas o nível de

endividamento do setor privado brasileiro é baixo em comparação com o do resto do mundo.”

O mesmo não pode ser dito do governo brasileiro. Pelos cálculos do economista do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc) de São Paulo, João Luís Máscolo, 25% da dívida pública está em dólar, cerca de R\$ 100 bilhões. “Essa dívida está 21% mais cara para o governo nesse momento”, disse. Isso resultará em um aumento no rombo das contas da União. Para ele, os

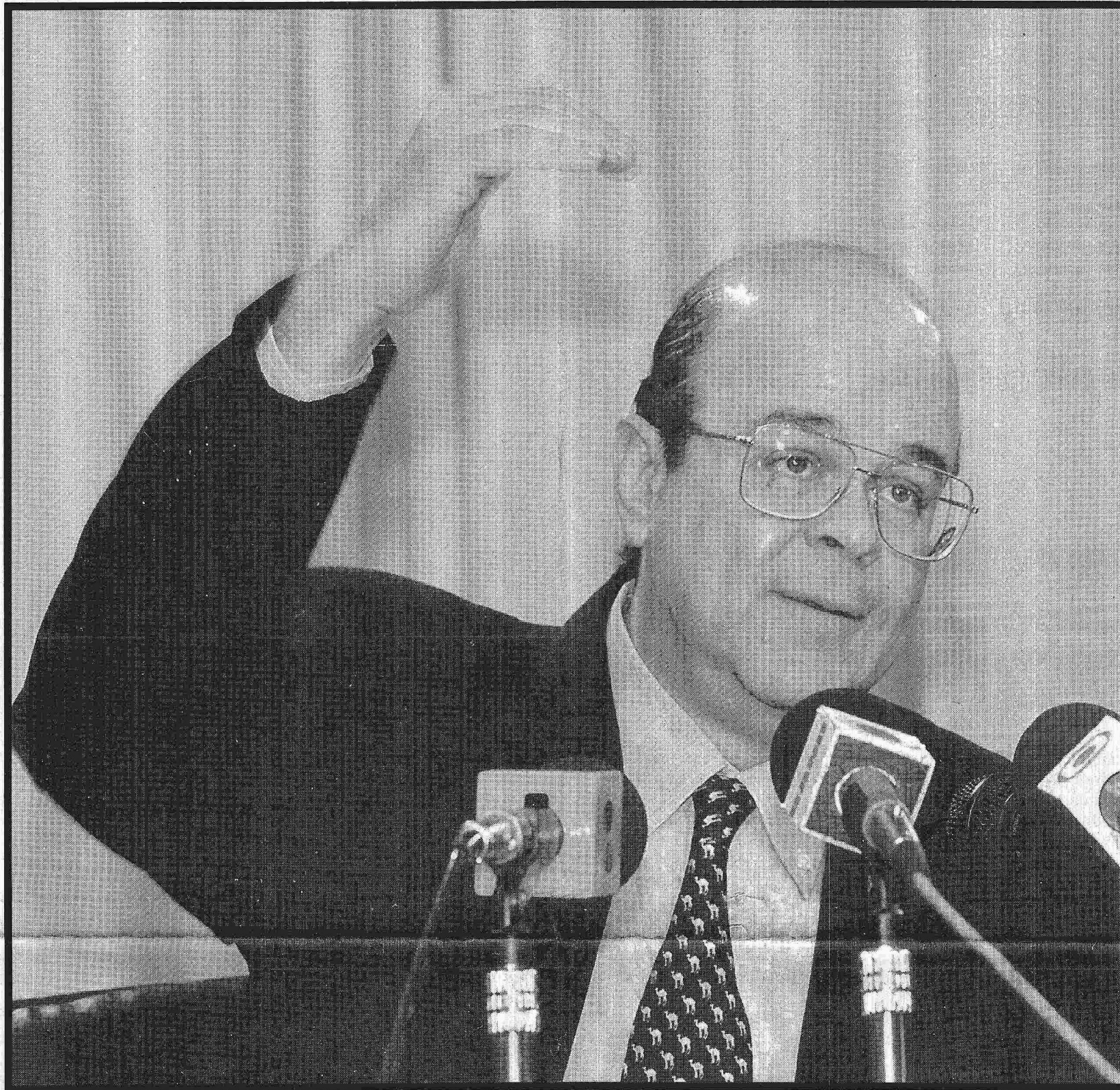
gastos, que já superavam a arrecadação em 8,39% do Produto Interno Bruto (soma dos bens e serviços produzidos no país em um ano), devem crescer pelo menos dois pontos percentuais.

O ex-ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso acredita que os juros devem permanecer altos até que a inflação seja controlada. “A velocidade da queda dependerá do comportamento dos preços no varejo”, disse o ex-ministro. Opinião compartilhada também pelo

economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV-DF) Carlos Eduardo de Freitas. “Os juros precisam ficar onde estão até que o ajuste fiscal seja feito”, diz.

Péssima notícia para as empresas endividadas e, principalmente, para os bancos que emprestaram o dinheiro. Com o dólar mais caro e com os juros altos como estão, a tendência é de aumento da inadimplência, o que poderá resultar em mais dificuldades para as instituições financeiras num futuro próximo.

“O governo precisa ter muito cuidado para não transformar a crise que era cambial, evidenciada com a intensa saída de dólares, em uma crise econômico-social, com a falência de empresas e bancos e com o aumento do desemprego, e, por fim, numa crise político-institucional”, observou o professor titular de Economia Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Reinaldo Gonçalves. “Para mim, é nessa direção que estamos caminhando.”



Lopes tem uma nova preocupação no Banco Central: encontrar uma saída junto à Bolsa de Mercadorias e Futuros que evite novo plano de socorro aos bancos

DESVALORIZAÇÃO

QUEM GANHA

EXPORTADOR

O preço de seus produtos fica mais barato, facilitando a disputa de mercado no exterior e o aumento das vendas

CREDOR EM DÓLAR

A dívida aumenta e quem emprestou deverá receber mais reais no momento em que o devedor for pagar a conta

APLICADOR EM DÓLAR

A desvalorização resulta num aumento do volume de dinheiro que o investidor receberá pela aplicação

NOVOS INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS

Fica mais barato fazer o mesmo investimento, porque o dólar passou a valer muito mais agora

QUEM PERDE

IMPORTADOR

Os produtos estrangeiros ficam mais caros com o aumento do dólar

DEVEDOR EM DÓLAR

A dívida aumenta porque o real perdeu valor

AGÊNCIAS DE VIAGENS

Os pacotes turísticos para o exterior, cujas vendas estavam crescendo, tendem a ser menos procurados

COMPANHIAS AÉREAS

As passagens internacionais ficarão mais caras, o que deverá reduzir a procura

INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS ANTIGOS

Esses empresários terão menos dólares para enviar de volta a seus países de origem do que antes da desvalorização